

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Entre rótulos e presenças: o sujeito esquecido na era da nosologia**

Maria Alicya Teixeira Alves Firmo

No cenário contemporâneo da psicologia clínica, observa-se um predomínio inquietante da lógica nosológica — um paradigma que busca enquadrar o sofrimento humano em categorias diagnósticas rigidamente delimitadas. Essa hegemonia classificatória, sustentada por sistemas como o *DSM-5* (APA, 2013) e a *CID-11* (OMS, 2019), promove um silenciamento da existência, na medida em que o sujeito passa a ser reduzido à abstração de um código clínico. O que se perde, nesse processo, é a pulsação única do vivido. A Gestalt-terapia, fundada sobre os pilares da fenomenologia e do existencialismo, ergue-se como resistência ética e epistemológica a essa lógica de apagamento. Inspirada por Edmund Husserl, a fenomenologia nos convida a um retorno às coisas mesmas, isto é, à experiência tal como se apresenta, antes de qualquer interpretação ou julgamento, isso significaria olhar para o sujeito antes de olhar para o diagnóstico que o foi dado. A escuta terapêutica, nesse horizonte, exige a suspensão das categorias prévias (*epoché*) e a abertura radical ao fenômeno do sofrimento como ele se dá, no entrelaçamento do sujeito com seu mundo. É nesse mesmo solo filosófico que floresce a psicopatologia fenomenológica, com autores como Karl Jaspers (2000) e Eugène Minkowski (2011), que propõem uma compreensão do adoecer psíquico não como disfunção isolada, mas como desestruturação do campo experiencial. A contribuição contemporânea de Gianni Francesetti (2021) amplia essa perspectiva ao pensar o sofrimento não apenas no sujeito, mas como expressão de um campo relacional adoecido, sendo, então possível perceber que o sofrimento emerge do campo e da relação que se estabelece neste campo. Para Francesetti, não há psicopatologia fora do encontro e o sintoma é, muitas vezes, a única linguagem possível que emerge quando a relação falha em acolher. Assim, na visão gestáltica, o diagnóstico não pode preceder o contato. Ele é, no máximo, uma lente auxiliar, mas jamais o eixo central da clínica. Como afirmam Perls, Hefferline e Goodman (1997), é na fronteira do contato, no aqui-agora da relação, que o sofrimento se revela e se transforma. Nomeá-lo de forma apressada, como pede o neoliberalismo e a pressa constante que nos atravessa, pode interromper esse fluxo,

cristalizando formas vivas em categorias estáticas. Esse movimento de capturar o sujeito por meio do diagnóstico pode ser interpretado como uma defesa contra a angústia que o sofrimento do outro provoca. Etiquetar é mais fácil que escutar. No entanto, ao fazer isso, corre-se o risco de desumanizar o cuidado, de afastar a clínica de sua vocação original: a presença autêntica diante da alteridade. Este ensaio, de natureza teórica e fundamentado a partir de um levantamento bibliográfico, propõe uma crítica à supremacia do modelo nosológico à luz da fenomenologia husserliana, da psicopatologia fenomenológica e da Gestalt-terapia contemporânea. Propõe-se, com isso, resgatar o sujeito do esquecimento a que vem sendo submetido, não como ideal romântico, mas como exigência ética. Porque antes do transtorno, há um rosto; antes do sintoma, há um pedido de escuta; antes do diagnóstico, há um humano que pulsa e quer ser reconhecido.

Palavras-chave: Nosologia; Fenomenologia; Gestalt-terapia; Psicologia Clínica; Psicopatologia.